

# Para Onde Estás a Olhar

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.189.16>

**José Miguel Braga**

Escritor e ator  
setesopas@gmail.com

1

Para onde estás a olhar? Para que silêncio ou fundo do mar, para que horizonte do largo céu ou pequena espécie que se move no chão e cresce da escuridão lembrando a água e o minério, trazendo também uma certa memória da criação? Descansa, meu filho, lava os teus olhos e vem passear em volta da terra. Olha o luar e que não te assuste o silêncio. As rãs na beira do rio saltam para a água e agora uma folha vem descida, devagar, rodopia e cai planando, tal uma ventoinha.

2

Quando aprendeste a ver, só havia uma névoa e também um cheiro e isso aproximava o coração e os sentidos em volta. Agora veio o cerco e podes acreditar que é uma espécie de noite ou um assomo de coisas invisíveis. Estás fechado no teu quarto, a luz baixa, quase em surdina e assistes ao espectáculo. Toma o ecrã e viaja. Milhões de corpos no espaço, a pequena luz, o brilho, passas a Via Láctea e vai longe a estrela da manhã. Num eco tardio ou nesse longe perdido dormem as fotografias, os cabelos da tua mãe, uma canção de embalar.

3

Pode acontecer, às vezes acontece uma grande perturbação. Ouviste barulho lá fora e parece que tudo se apagou. Onde está o brilho da navegação, para onde vão agora os teus olhos esquecidos? A trovoada vai passar e eu posso regressar. Os meus olhos e dedos, o sofá, uma almofada, tudo regressa e já estou perto de ti, passeio, posso partir e regressar, penso ou não penso, este mundo toma conta de mim. Às vezes vejo

passar o meu corpo, como se fossem palavras esquecidas. Oiço o mundo em volta, gritos, desenhos, câmaras, efeitos especiais, mas depois tenho sede e a fonte fica mais além, tenho que me levantar e abrir a porta, seguir um breve caminho, lembrar-me de gestos, acender a vontade.

4

Alguém me diz bom dia, mas não sei quem é; algo me toca, mas não sei o que é. Chego a pensar que não importa onde está o meu corpo, em que árvore ou caminho, talvez naquele grupo que passa na estrada atirando canções ao tempo que faz. Ainda há pouco era noite nos meus desejos, era noite no meu acordar e depois veio este silêncio que me deixa tão ocupado, metido dentro de mim, como se houvesse um cântico na ponta dos dedos, um botão para andar em volta do mundo, um destino que irradia num lugar sem peso. Não sei donde vêm as ordens que me dão. Há uma escuridão em volta dos músculos, passos de fantasma acordam a minha noite e amanhã não sei se vai acontecer a alegria. Saio a passear e mostram-se sombrias as árvores no jardim, sentinelas talvez de uma invasão que pode ter acontecido.

5

Vou para a escola com os meus amigos. Às vezes falamos, passam os carros e o fumo e outras vezes vamos a olhar os aparelhos e parece que não passa nada perto de nós, só ao longe ou numa dimensão diferente do espaço. Que importância é que isso tem? Há sempre um além que é melhor do que estas pequenas distâncias que podemos atravessar. Vou quase adormecido, levo em volta um cobertor de imagens e de sentidos, coisas que passam à minha frente e quase dentro de mim. Depois vêm ter connosco, aproximam-se os estudos e a gente curiosa. Querem saber o que somos e como somos e oferecem-nos prémios, electrões, o que for, até entrarmos dentro de uma casa diferente da nossa, uma casa dentro de outra coisa.

6

Fazemos parte do grande silêncio do estudo e há esse tempo de espera pelos resultados, que parece não ter fim. Enquanto se decide a nossa sorte, continuamos sob uma espécie de cinzento anelado, o céu parece de espuma e às vezes podemos descansar. Não sabemos quem vem ou quem parte da nossa vida. Assistimos a um longo caminho que há-de levar-nos à beira de um sinal. Poderá ser uma lei ou um resumo. Um dia chegarão notícias, pareciam coisas verdadeiras nascidas de uma alma que nos confiaram os antigos. Andamos em volta, cresce a imagem e nós sabíamos que à nossa volta se erguia um aquário. São os peixes que olham para nós, o mundo é lá fora, parece um lugar donde não podemos sair. Prometem-nos grandes mudanças. Seremos o centro do mundo, da galáxia, o centro do telemóvel e temos um chip para falar por nós e assim poderemos ser livres e quase desconhecidos.

7

Hoje batem à minha porta. É uma equipa completa, com pessoal competente, apropriado para todas as missões. Observam, tiram medidas, conduzem-me a um lugar confortável, um sítio algo desolado, onde tenho direito a todas as imagens. Disseram-me que ia ser estudado e que o meu exemplo serviria de lição para os outros e também fiquei a saber que este era o sinal, mais do que o indício, era já o caminho inexorável. Olharam para mim de todos os lados, vieram agentes, fotógrafos, especialistas da universidade. A família voava e as imagens também, porque se abriam janelas em partes despegadas do céu e saltávamos como astronautas antigos em escuridões sem gravidade.

8

O mundo à nossa volta. Somos pequenos, casos de estudo, animais do circo, bolhas existenciais, janelas da alma, projectos dos nossos pais; somos a música possível do mundo que há-de vir ou daquele que estamos a ver e a ouvir. Não valerá a pena perder mais tempo com a paisagem. Tudo está escrito e é fácil, é perto, sai barato tocar uma tecla e chegar ao coração do mundo, ao coração do medo. Hão-de vir falar connosco, chegam curiosos e especialistas, querem saber as causas da nossa apatia, descobrir os segredos que explicam em parte o sucesso e a projecção da alegria. Nós conhecemos a ordem, estudamos os mistérios do encantamento, guardamos as leis no maior dos silêncios e sempre que podemos fazemos de conta que estamos a existir como antigamente, como desejam, assim seja, tanto faz, dizem os nossos botões. E fomos crescendo e cada dia acrescentava coisas à nossa vida, projectos, certezas, alguma desconfiança. O mundo cada vez mais parecido com as conversas e também com os medos e os projectos. Falam-nos do vício, das horas e do hábito, parecemos imagens de fumo num teatro de sombras, mas todos nos querem ouvir, somos a voz dos mais novos e isso parece comportar mais do que uma alegria, talvez seja uma obrigação ou pelo menos uma necessidade.

9

Um dia chegaram pessoas bem-dispostas, traziam sorrisos e máquinas a tiracolo, falavam de viagens e de experiência e nós ficávamos suspensos e também instalados, vivíamos pequenos papéis e finalmente éramos heróis e tínhamos coisas para contar. Falam, eles falam e repetem discursos sobre o mundo e nós ficamos cansados e convencidos e quando acabamos de ser ouvidos, somos jovens cidadãos atentos, informados e assertivos. Fazemos parte do espectáculo, mas andamos fora de nós, como se o palco se escondesse e às vezes corresse à nossa frente. Aos poucos vamos cosendo o mundo e andamos à experiência. Hoje as notícias são difíceis de suportar, fala-se do mal, da doença, do fim, ficamos a saber e é nosso dever contar a verdade. Quando regressa o outro dia, temos ordens para respirar.

10

Crescemos com o medo e com a dor, fazemos parte e agora o mundo não sabe viver sem a nossa companhia, as jovens palavras da nossa fantasia. Vem cobrindo o nosso tempo jovem esse mundo de páginas invisíveis e imagens surpreendentes. Que águas são estas e para onde nos perdemos quando se inicia a navegação? Chegou a crise, é sempre tempo de crise. O teu nome, o sigilo, a imagem, o destino que se prepara, o medo do futuro. Tem cuidado, irmão, alegra-te irmão, não há outra vida. Saio de casa, saio do ecrã e sei ver que não somos todos iguais. As máquinas foram preparadas para distinguir as cores, as contas, os nomes; cai a água das mentiras com a sua ferrugem, vê-se o medo e o ódio que avançam com a força de um horizonte e nós dizemos que não, estudamos, falamos alto, levamos as máquinas ao colo e sentamos as imagens num jardim, a verdade e a mentira, apesar de haver cânticos e de haver também o ódio. Não temos outro tempo para a alegria.

11

O que anda no ar e passa em volta não são aves agoirentas. O medo e a mentira deixam cair as bombas como se fossem ovos e nós precisamos de ar para viver e da água para levar os olhos a passear. Vem mais próximo, irmão, o cheiro, a pele, a emoção, podemos seguir este caminho e curar os dedos em ferida. Oiço o eco ao longe, deve ser a gente, a reunião, coisas jovens como frutos e as coisas que vão mudar.

Nota: o autor escreve de acordo com o antigo acordo ortográfico